

Memória e(m) discurso: imaginários de criança e de infância

Memory in discourse: imaginary of child and of childhood



Maria Beatriz Ribeiro Prandi-Gonçalves

Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP, Ribeirão Preto, SP, Brasil
biaprandi90@gmail.com



Lucília Maria Abrahão e Sousa

Universidade de São Paulo - USP, Ribeirão Preto, SP, Brasil
luciliasousa@gmail.com

Resumo: A palavra, materializada em músicas, produz efeitos, quer de encantamento quer de estranhamento, nos sujeitos que a ouvem. A partir de condições de produção específicas, a música cumpre, ao longo dos tempos, o papel de transmissão de valores, costumes e hábitos. Assim, ela é comumente utilizada no seio familiar para entretenimento, em atividades pedagógicas, por meio de jogos, teatro, leitura, dinâmicas, entre outros. A pensar nos inúmeros sentidos que se inscrevem nessas canções, este trabalho tem como objetivo propor um gesto de leitura sob os dizeres que se materializam em músicas infantis, tendo como suporte teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux no final dos anos 1960 na França. Nesse caminho, tomamos como corpus analítico recortes de sequências discursivas de duas canções – *O pobre e o rico* e *Com quem será?* – para uma melhor compreensão do funcionamento da memória na estabilização de determinados sentidos sobre o sujeito-criança na contemporaneidade. Por meio de um olhar crítico, interessa-nos, neste gesto, problematizar a obviedade desses dizeres sobre a criança, e sobre a infância, relativamente estáveis no seio social, tendo em vista novas formas de leituras possíveis sobre essa temática.

Palavras-chave: Criança. Memória. Música. Discurso.

Abstract: The word, materialized in music, produces effects, either of enchantment or strangeness, on the subjects who hear it. From specific production conditions, music fulfills, over time, the role of transmission of values, customs and habits. Thus, it is commonly used within the family for entertainment, educational activities, games, theater, reading, dynamics, among others. Thinking about the countless meanings that are inscribed in these songs, this work proposes a gesture of listening to the sayings that materialize in children's songs, having as theoretical-methodological support the Discourse Analysis of the French line, founded by Michel Pêcheux in the 1960s in France. From this perspective, we take the analytic corpus composed of clippings of discursive sequences of two children's songs – *O pobre e o rico* and *Com quem será?* – for a better understanding of the functioning of memory in the stabilization of certain senses about the subject-child today. Through a critical look, we are interested in this gesture of analysis to produce the questioning of the obviousness of these statements about the child, relatively stable in the social environment, in view of new forms of possible readings on this theme.

Keywords: Child. Memory. Music. Discourse.

Submetido em: 15 de junho de 2020

Aceito em: 6 de agosto de 2020

Para começar...

A música está presente na vida da maioria das crianças e sempre foi muito utilizada na infância por familiares, professores ou especialistas por meio de jogos, teatro, leitura, dinâmicas, entre outros, como forma de (re)contar uma história, alimentar laços de afetos com o lúdico, trazer à tona certos sentidos e memórias no seio da vida social, o que constitui a cultura de um povo ou país.

Por meio das músicas populares, os sujeitos-criança são significados por traços da cultura em que pese um imaginário do que é ser infantil. Assim, diversas construções sociais e ideológicas sobre a infância, a criança em diferentes fases do seu desenvolvimento, o cuidado e a educação dela, inscrevem certos modos de dizer e discursivizar o sujeito infantil; podemos, então, observar diferentes efeitos de sentido construídos pelo universo musical. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2010), consideraremos “sujeitos-criança” como:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Na consideração do sujeito sócio-histórico que produz o seu discurso a partir de dizeres anteriores, já-ditos que ressoam na atualidade, visto que são relativamente estabilizados no seio social, buscamos aqui analisar os efeitos na estabilização de uma memória do dizer sobre “ser criança” na contemporaneidade. Para tal, consideramos que os pressupostos teórico-analíticos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux (2010) nos anos de 1960 na França, nos fornecerão maiores

subsídios para pensarmos tais questões, visto que discursivamente os sentidos não estão prontos nem acabados, mas são construídos em um movimento contínuo da língua com a história. Ademais, partiremos da definição do que é memória discursiva (PÊCHEUX, 1999), conceito que não está preso à memória cronológica, mas interligado ao modo como as palavras carregam sentidos de seus usos em outros conceitos sociais, ou seja, pensamos o discurso na injunção da história com a língua.

Nesse caminho, na esteira das conjunturas sócio-históricas sempre em confronto e transformação, a memória pensada discursivamente é concebida como um elemento estruturador dos discursos, na verdade ela é a condição do legível, possibilitando, assim, não apenas uma reprodução dos sentidos, mas também uma atualização-transformação dos enunciados na medida em que se inscreve em condições de produção do dizer (PÊCHEUX, 1999). Com efeito, a memória discursiva relaciona-se com o que pode e deve ser dito sobre a infância – a criança, a música para o público infantil, os jogos e as brincadeiras com ou nas canções –, o que nos leva a pensar que os sentidos sobre esses temas estão em constante deslocamento e porosamente abertos a outros sentidos e deslocamentos.

Tomando emprestado de Courtine (2009) a noção de sequência discursiva (SD), passamos, pois, à análise de canções folclóricas, em especial no que tange aos sentidos sobre infância e criança. Segundo o autor, “convém, para começar, determinar a escolha de uma sequência discursiva como ponto de referência, a partir do qual o conjunto dos elementos do *corpus* receberá sua organização” (COURTINE, 2009, p. 107, grifo nosso). Nessa perspectiva, tomamos o *corpus* analítico composto por recortes de sequências discursivas de duas canções infantis – *O pobre e o rico* (SD1) e *Com quem será?* (SD2) –, para observar o funcionamento discursivo a partir da inscrição da memória discursiva e da rede de filiação dos sentidos na consolidação dos lugares estabilizados para o sujeito-criança nos dias atuais. Interessa-nos, neste gesto de

análise, produzir o questionamento da obviedade desses dizeres sobre a criança.

A música e o sujeito no entrelaçamento discursivo

A partir de Michel Pêcheux (2014), consideramos a noção de sujeito como sujeito que se posiciona no discurso para que, assim, seja possível produzir sentidos. Desse modo, para a AD, o sujeito do discurso é aquele cuja materialidade se dá na/pela língua e no/pelo discurso. De acordo com Orlandi (2007),

[...] atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (ORLANDI, 2007, p. 48).

Numa abordagem discursiva, ao afirmamos que as condições de produção do dizer são relevantes para a compreensão do modo como sujeitos e sentidos se constituem, trazemos à tona a questão da historicidade para o bojo das discussões acerca da música na nossa sociedade.¹ Logo, a relevância da música em nossa sociedade é imensa, posto que afeta um público heterogêneo e diverso. Segundo Subtil (2003), a sedução do lúdico ocasionado pela música afeta os sujeitos – independente de classe social ou gênero – interpelando-os à identificação de sentidos aparentemente evidentes, visto que tidos como culturais em nosso meio. Como efeito dessa interpelação/identificação a esses dizeres (e sentidos)

¹ Para Lauro Baldini e Fábio Ramos Filho (2017, p. 7, grifo do autor), “[...] a historicidade não significa simples e geneticamente a ‘propriedade de ser histórico’, mas levar em consideração as múltiplas determinações que instituem a materialidade do significante no quadro de uma formação teórica, disputando e dividindo terreno com outros e funcionando teórica e heurísticamente como conceito”.

que na música se materializa está a contradição inerente a todo discurso e, portanto, a todo sujeito (PÊCHEUX, 2014). Está presente, por exemplo, no discurso dos sujeitos participantes da pesquisa de Subtil (2003), na medida em que reprovam o que eles próprios consumiam, por considerá-los de baixa qualidade e massivos.

Dessa forma, a música, como parte da cultura, produz efeitos nos sujeitos contemporâneos. Corroborando essa visão, Melo, Almeida e Rodrigues (2014, p. 3) afirmam que a constituição da humanidade ocorre nas/pelas práticas de linguagem, perpetrando o sujeito-criança tanto como produtor de cultura quanto produto, “informando das suas experiências, partilhando-as, atribuindo-lhes valores sociais por meio de diferentes manifestações da linguagem, inscrevendo-se, dessa forma, nas instâncias socioculturais da época em que vive”. Conforme os autores:

Enquanto sujeito de cultura, a criança se apropria da linguagem a partir de um lugar social definido pela sua condição infantil. Considerar esse caminho é importante, tendo em vista que ao compreender a criança como sujeito, como ser do mundo, atribuímos a ela condição de estabelecer a leitura da vida e a construção da sua própria história, espaço onde ela passará a construir sentidos a partir, ora de suas experiências para consigo, ora de seus contatos diretos com o outro, com o que está para além dela. (MELO; ALMEIDA; RODRIGUES, 2014, p. 3).

Em virtude disso, podemos afirmar que a música é constitutiva da relação entre o sujeito e o mundo, sendo um dos modos fundamentais pelo qual é possível (res)significar certas práticas muito ligadas ao mundo infantil e ao modo como os adultos introduzem as canções na vida dos pequenos. Disso se depreendem, por exemplo, práticas muito corriqueiras, tais como ninar para adormecer um bebê, cantar para desenvolver atividades de linguagem e memória nas primeiras séries da educação infantil, jogos físicos ou eletrônicos, que incluem ritmo com ou sem letra, que estimulam coordenação e movimento; e, ainda, vale destacar

o quanto a entrada da tecnologia produz efeitos na relação entre sujeito-criança com a música. Sobre isso, a musicista Sandra Peres, uma das idealizadoras da dupla Palavra Cantada,² afirma que:

[...] a infância de ontem é diferente de hoje porque hoje você tem mais tecnologia e mais acesso e mais possibilidade. O que que é bom nisso? Por que ela desenvolve a linguagem, curiosidade, desenvolve repertório dependendo do que ela vê, ela amplia o universo dela, agora a mesma infância da minha vó, da minha mãe, a sua infância, a infância da sua mãe né, de vocês que estão aqui, todo mundo brincou de boneca e brinca até hoje. Então assim, essa coisa assim, a tecnologia acabou? Não! Continua, só que aí vai o adulto para organizar esse tempo [...] Eu acho que tem uma coisa que eu repito isso porque eu acho muito importante, o adulto que estabelece limite da exposição à TV, ao computador e etc. É... existe um procedimento né, na nossa educação né, no Brasil, que a família, que as pessoas ligam a televisão e desligam a noite. E se tem uma criança ali, e vai passar uma reportagem e existem imagens que são indesejáveis para uma criança assistir, ela assiste. (PERES, 2016 apud PRANDI-GONÇALVES, 2020, p. 166).

Podemos observar, no discurso em que o sujeito se inscreve, que a tecnologia ocupa um espaço de destaque na relação com a infância contemporânea, pois “hoje você tem mais tecnologia e mais acesso e mais possibilidade”. A compositora marca a construção do imaginário de criança a partir da relação com o discurso da tecnologia e a oferta de produtos derivados dessa relação. Parece naturalizado que as relações com o mundo a partir dos equipamentos tecnológicos afetam a infância pela “exposição à TV e ao computador”. Observamos, pois, nesse dizer, a interpelação ideológica (PÊCHEUX, 2010) do efeito de sentido de que todo sujeito-criança teria acesso aos equipamentos tecnológicos, tais como TV,

² Juntamente com Paulo, Tatit criou a dupla na década de 1990; desde então tem grande prestígio entre os artistas, os pais, os professores e as crianças.

filme e *Ipad*, fazendo falar que todo sujeito-criança de toda classe teria tais bens culturais como presentes em seu cotidiano. Desenha-se, assim, uma representação homogênea de uma determinada criança, qual seja, de classe mais abastada, alfabetizada e cuja família é proprietária de equipamentos tecnológicos, silenciando outras realidades possíveis de nossa sociedade, nas quais tais bens culturais e acessos são negados.

Numa abordagem discursiva, os modos de constituição, formulação e circulação dos discursos (ORLANDI, 2003; 2005) produzem diferentes efeitos no modo como os sujeitos enunciam a partir da injunção da língua com a história. Nessa perspectiva, trazemos à cena a questão da música folclórica (transmitida pela tradição oral e, na maioria das vezes, de domínio público). Frequentemente surgindo com finalidade lúdica, compreende cantos, danças, jogos, brincadeiras, danças, festejos e religiosidade. As músicas folclóricas, tradicionalmente cantadas no seio familiar, em escolas, entre amigos, ao serem postas em circulação na atualidade, podem, ou não, atualizar determinados sentidos, dentre eles a infância ou o que é ser criança diante dessas novas condições de produção de discursos.

A partir das produções constitutivas das músicas infantis, temos a formulação de discursos, como veremos mais adiante nas análises, que reverberam por meio da circulação. Para Orlandi (2007, p. 125), a constituição do discurso é a “atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas”, na medida em que por uma memória do dizer os discursos são reproduzidos, ou até mesmo transformados, ao longo dos tempos. Isso porque a memória reside no entrecruzamento do nível interdiscurso – no eixo vertical do processo discursivo inerente aos sentidos já-ditos –, como a base para os dizeres vindouros, e o nível intradiscursivo, ou seja, na formulação do dizer concernente ao momento da enunciação (PRANDI-GONÇALVES, 2020).

Segundo Courtine (2016), esse processo ocorre por um desnivelamento interdiscursivo do enunciado designado pelo autor

por uma “horizontalização” da dimensão vertical de constituição dos discursos. Ainda para o autor, essa horizontalização

é contemporânea à apropriação por um sujeito enunciador (doravante, L), que ocupa um lugar determinado no seio de uma FD, de elementos do saber da FD na enunciação do intradiscurso de uma sequência discursiva, esta em uma situação de enunciação dada. (COURTINE, 2016, p. 24).

Nesse processo, a atualização dos sentidos ocorre por um movimento de estruturação-desestruturação dos sentidos, visto que se materializam em condições de produção específicas do discurso, inerente a cada formação social, de cada tempo e sociedade.

Como podemos observar, os discursos são estruturados na relação entre atualidade e memória, nos e pelos quais se materializam uma disputa ideológica de sentidos. Sendo assim, pensar o discurso numa abordagem discursiva de linha pêcheuxtiana implica considerar não só o funcionamento linguístico inerente ao dizer, ou seja, a materialidade da língua tendo em vista a sua ordem própria, como também o contexto sócio-histórico e ideológico no qual estão inseridos os sujeitos na produção do dizer (PRANDI-GONÇALVES, 2020).

Tais considerações nos permitem pensar no papel da exterioridade na regularização dos dizeres no seio social. Em consideração às condições sócio-históricas de produção dos discursos sobre a infância na atualidade, observamos que a internet proporcionou novas formas de circulação das músicas infantis, possibilitando não só vulgarização pelo mundo *on-line* para todas as crianças, mas também para aquelas que podem ter acesso à tecnologia e aos bens materiais que derivam desse acesso.

Dentre as brincadeiras de infância tradicionalmente conhecidas em nossa sociedade está também a ciranda, em que, movidos pela música, adultos e crianças se dão as mãos, formando uma roda, a

girar e cantar em um movimento que faz o ritmo e a coordenação motora serem afetados pelo som e pela letra. Muitas vezes, a ciranda é vivenciada na escola ou na relação do sujeito-criança com o contexto educacional, tendo em vista o fato de que os espaços públicos para as brincadeiras coletivas seguem reduzidos na vida urbana. Nela, os brincares estão em relação com as máquinas de simular e recriar virtualmente as cirandas, levando o sujeito-criança, muitas vezes, a cantar as cantigas de roda sem movimentar o corpo, sem sair do seu lugar e sem dar a mão a um colega fisicamente, restando-lhe a presença de um vídeo, uma animação ou uma imagem na qual algo se move. Nesse contexto, uma das cantigas historicamente utilizadas para esse momento lúdico é a música *O pobre e o rico* (SD1), de autor desconhecido.

SD1

O pobre e o rico (Autor Desconhecido)

Eu sou pobre, pobre, pobre, de marré, marré, marré.

Eu sou pobre, pobre, pobre, de marré deci.

Eu sou rica, rica, rica, de marré, marré, marré.

Eu sou rica, rica, rica, de marré deci.

Dentre as cantigas para crianças, re-conhecidas em nossa sociedade, está *O pobre e o rico*. Por meio do lúdico, as crianças, e não só, são convidadas (e por que não dizemos convocadas?!) a formarem duas filas, separadas uma das outras e vão intercalando a canção de acordo com o personagem que assumem: pobre ou rico. Considerando que não há discurso neutro, visto que são constitutivamente ideológicos (PÊCHEUX, 2014), compreendemos que a alternância de lugares ocupados pelos sujeitos denuncia a luta de classes fortemente constituída socialmente, que se inscreve e se materializa na língua e, por conseguinte, reproduz sentidos aparentemente evidentes do que seja ser um rico e um pobre, ou melhor, do que seja ser uma criança que se situa de um modo ou de outro. Por um funcionamento ideológico, tais crianças são, assim, interpeladas a ocuparem os seus lugares na esfera

social, ainda que sob um efeito de evidência proporcionado pela ludicidade da/na brincadeira.

Como podemos observar, a ideologia naturaliza a evidência de apenas um lugar para o sujeito a partir do qual ele pode e deve falar, contudo, tal posição discursiva não esgota os sentidos das tensões das palavras, visto que nelas se inscreve o político constitutivo da língua e do sujeito. Sob os dizeres da cantiga infantil, materializam os jogos de poder inerentes à luta de classes não só pela condição socioeconômica, pobre e rico, mas também pelos lugares imaginários, sobredeterminados ideologicamente para os sujeitos na esfera social.

Ainda sob uma dissimulação do funcionamento ideológico, próprio da ideologia, no fio discursivo estão os sentidos para o termo "*marré deci*", possível de compreender por uma associação à fonética da língua portuguesa – inerente à estrutura da formação da língua – na transposição de uma língua à outra. De acordo com Galvão (2004), o termo pode ser compreendido como uma possível adaptação de uma canção europeia, no caso francesa – assim como outras cantigas folclóricas – utilizando, a partir delas, onomatopeias ao invés de uma tradução literal. Na versão francesa, temos: "*Je suis pauvre pauvre pauvre du Marais Marais Marais, Je suis riche riche riche d'la Mairie D'Issy*". Vale aqui dizer que *Marais* e *Issy* são bairros de Paris, sendo *Marais* um bairro pobre e *Issy* um bairro rico. Interessante que, atualmente, essa condição se inverteu, já que hoje *Marais* é um bairro mais rico (e muito visitado, conhecido, mundialmente, como um *quartier* boêmio e badalado) que *Mairie d'Issy* (PRANDI-GONÇALVES, 2020). No entanto, essas questões não atravessam o universo infantil brasileiro de forma explícita, isto é, não estão marcadas na língua.

Sob a forma de implícitos, observamos o reverberar desses sentidos sob a forma de discurso transversal, tomando como base a memória do dizer sobre as lutas de classes que se inscrevem no seio social: ao cantarem e promoverem as diversas formas de brincadeiras (dentre elas a ciranda), as crianças reproduzem e materializam, nos jogos lúdicos, o desnivelamento das classes

sociais que na música em análise é discursivizada como rico e pobre. Considerando que essa canção, assim como outras, são reproduzidas tanto no seio familiar quanto na escola – considerados, por Althusser (1970), aparelhos ideológicos do Estado –, a nosso pensar, uma reflexão crítica acerca dos sentidos que se materializam na canção, ao invés de sua mera reprodução, nos permite uma desnaturalização junto aos sujeitos-criança dos sentidos intrínsecos ao “rico” e ao “pobre”, expondo o caráter ideológico inerente a esses dizeres refletidos ao longo dos tempos.

Em sua tese *Ideologia e os Aparelhos do Estado*, Althusser (1970) afirma que os aparelhos ideológicos têm como uma de suas principais funções a reprodução/naturalização de determinados dizeres, condizentes com a ideologia dominante, no seio social a fim de convocar os sujeitos a responder às demandas da ordem vigente. Sob esse viés, a reprodução de tais dizeres que se materializam na cantiga *O pobre e o rico*, nas instituições sociais aqui representadas pela família e escola, possibilitam uma legitimação desses sentidos tendo em vista a manutenção do poder condizente com a ordem vigente.

Tomando em atenção a relação entre história e memória, inerente a todo processo discursivo, observamos que a questão da historicidade em que os dizeres/sentidos são produzidos é de fundamental relevância para compreendermos os seus efeitos nos sujeitos discursivos ao longo dos tempos.

A reprodução dos sentidos que se materializa na música em questão, em diferentes condições de produção do discurso, nos permite melhor compreender o modo de funcionamento da ideologia na língua e os seus efeitos nas práticas sociais, visto que opera na naturalização desses sentidos no seio social e, por conseguinte, a sustentação do poder vigente, como vimos afirmando.

Com efeito, vivemos em uma sociedade capitalista cujas bases estão firmadas na relação de produção/dominação, com vistas à sustentação do poder. Sob esse viés, o sujeito, desde-sempre

interpelado ideologicamente sob a forma do sujeito-de-direito, é supostamente livre para fazer suas escolhas (ORLANDI, 2005).

Inerente aos sentidos condizentes com a sociedade capitalista na qual estamos inseridos está o binômio trabalho/lucro. Sob um efeito de evidência desses sentidos, essa relação se materializa nas práticas dos sujeitos pautadas em uma suposta escolha do sujeito-de-direito em que trabalhar mais significa ter mais dinheiro e, por conseguinte, ter mais conforto e prestígio social. Portanto, morar, ou não, em um bairro nobre seria uma aparente consequência de sua escolha. Considerando que a música se trata de uma cantiga infantil, vemos que há, nesses dizeres, uma responsabilização dos sujeitos, desde a infância, pelo viés da reprodução e naturalização dos sentidos, para uma suposta escolha dos lugares a serem ocupados na esfera social (PRANDI-GONÇALVES, 2020).

De acordo com Althusser (1970, p. 65), a ideologia opera, por meio dos aparelhos do Estado, “práticas materiais reguladas por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito”. Sob esse viés, a ideologia não é abstrata, mas tem uma função prático-social de prescrever a conduta dos sujeitos por meio desses aparelhos.

O pobre e o rico é uma cantiga que está presente em nossa sociedade por gerações, cantada por um público de diferentes faixas etárias, condição socioeconômica e, até mesmo, realidades culturais distintas de nosso país (PRANDI-GONÇALVES, 2020). Numa sociedade capitalista, a condição socioeconômica é, também, fator de inclusão, ou exclusão, numa suposta escolha de pretendentes à menina-mulher, como vemos na canção *Com quem será* (SD2), a seguir:

SD2

Com quem será? (Autor desconhecido)

Com quem? Com quem será?

Que ‘a fulana’, vai se casar?

Loiro, moreno, careca, cabeludo

Rei, capitão, polícia, ladrão!
Estrelinha, estrelinha do meu coração!

De acordo com os dizeres que se materializam na música supracitada, o casamento parece ser um destino e uma suposta escolha evidente à mulher. Na cantiga, a escolha do futuro pode se dar em diferentes níveis, mas não quaisquer. Nela, evidencia os atributos físicos – o loiro, moreno, careca, cabeludo – assim como o seu lugar social: rei, capitão, polícia, ladrão. Sob o funcionamento ideológico dissimulado na língua(gem), a suposta escolha implica tanto numa responsabilização do sujeito face algumas possibilidades, quanto as consequências de sua suposta escolha. Nesse contexto, o sujeito desde-sempre interpelado ideologicamente, isto que é condição para ser sujeito (ALTHUSSER, 1970), toma a sua posição no discurso face uma ilusão de livre escolha dos seus atos, materializado na possibilidade de quem será o marido, como pudemos observar. Ainda sob uma ilusão de transparência da língua(gem), há uma convocação, um direcionamento à mulher no que concerne ao matrimônio.

Como podemos observar, sendo sujeito do/no discurso, o sujeito é também assujeitado a determinados sentidos condizentes com uma formação discursiva (sobre)determinada ideologicamente, na qual a formação discursiva dominante é aquela que fornece uma matriz de sentidos inerentes à ordem vigente (PÊCHEUX, 2014). Em nossas análises, compreendemos que existe uma reprodução do discurso machista que inscreve e faz funcionar, pela memória que é a condição do legível, os sentidos relativamente estáveis acerca de uma relação supostamente inequívoca entre mulher-casamento, estando nessa relação uma condição para a realização da mulher (PRANDI-GONÇALVES, 2020).

Podemos observar ainda que, concomitante ao funcionamento discursivo que possibilitam o sujeito a enunciar(-se), há um funcionamento ideológico que impele os sujeitos a tomarem os seus lugares na estrutura social. No caso da cantiga, esse funcionamento ideológico funciona no sentido de regularizar

determinados sentidos sobre (e para) a mulher, intrinsecamente ligado ao lugar que ela pode (e deve) ocupar na esfera social: lugar do lar e do matrimônio, sobretudo. Sentidos historicamente estabilizados em nossa sociedade, que produzem um imaginário de feminino que ressoa na atualidade.

A nosso pensar, cantar os sentidos de casamento para o universo infantil acusa um modo de marcar um caminho irreversível como se a certeza já delineasse um caminho para o sujeito-criança, produz silenciamentos acerca de outra possibilidade à mulher, incluindo nela o ser e continuar solteira, além de outras formas de composição dos casais. Com essas duas cantigas aqui analisadas, percorremos um gesto de leitura que indica o modo como as músicas infantis regularizam certas formas de dizer tidas como naturais e aceitas socialmente, implicando os que cantam em um processo de naturalização e reconhecimento de apenas uma forma de dizer.

Considerações finais

As canções tradicionalmente (re)cantadas em nossa sociedade são, em sua maioria, repetitivas, pequenas e fáceis para memorizar, apropriar e identificar. Por essa via, elas regularizam uma memória sobre a criança, e a infância, por meio de sentidos que emanam valores e códigos de ética e conduta em nossa sociedade. Com efeito, por essa via, observamos que o funcionamento ideológico, entremeado nas teias discursivas, cumpre o papel de determinar os sentidos a serem regularizados em nossa estrutura social a fim de instaurar (ou não) novas práticas sociais. Para tanto, como vimos afirmando, a memória assume o lugar primordial na estabilização desses sentidos. A partir de nossas análises das canções apresentadas, compreendemos que há uma reprodução da divisão de classes, oriunda, em especial, de uma sociedade capitalista, direcionando os lugares dos sujeitos na organização

social, expondo a tensão que se estabelece nas relações e que se marca desde a infância.

Nas músicas aqui analisadas, vimos que o direcionamento da ideologia dominante aos sujeitos discursivos ocorre tanto pela disputa de classes, quanto pela questão de gênero. Sob esse viés, compreendemos que há uma legitimação dos sentidos, inscritos no folclore popular, acerca de um suposto prestígio social advindo de ser rico ou, de outra forma, pelo imaginário do fracasso (res)significado por uma condição socioeconômica menos favorecida, bem como de uma relação hierárquica entre homem, imaginariamente o provedor ainda nos dias atuais, e a mulher, submissa a ele. Nesse contexto, não há uma atualização de uma memória do dizer acerca desses sentidos relativamente estabilizados na nossa sociedade, mas, visto de outro modo, uma reprodução desses sentidos como uma suposta escolha dos sujeitos contemporâneos.

A contar com a velocidade com que os dados e as informações são postos em circulação na atualidade, os diversos modos de circulação desses dizeres/sentidos – CD, DVD, rádio, YouTube, dentre outros –, contribuem, de certo modo, a nosso ver, para a estabilização de uma memória sobre a criança e a infância nos dias atuais, pautadas por uma representação de um extrato social, em exclusão às demais.

Ao longo de nossas reflexões, podemos destacar que a memória ocupa um lugar fundamental na formação social, sendo a base pela qual sujeitos e sentidos se constituem. Ao trazermos essas análises, buscamos um desvelamento dos sentidos relativamente estabilizados no seio social e, portanto, aparentemente evidentes aos sujeitos contemporâneos. Logo, propomos novas possibilidades de leitura desses dizeres com vistas à re-significação das posições socialmente inscritas para os sujeitos em nossa sociedade, visto que afetam os sujeitos contemporâneos desde os seus primeiros anos de vida, ou até mesmo ao nascer, ou seja, é constitutiva da sua formação e produz efeitos ao longo de sua vida.

Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

BALDINI, L. J. S.; BARBOSA FILHO, F. R. Apresentação. *In*: BARBOSA FILHO, F. R.; BALDINI, L. J. S. (org.) **Análise de discurso e materialismos: historicidade e conceito**. Campinas: Pontes Editores, 2017. 1 v. p. 7-9.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Edufscar, 2009.

COURTINE, J. J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, [S.l.], v. 1, n. 1, set. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090/3058>. Acesso em: 30 jun. 2019.

GALVÃO, R. **A história de Marré**. 2004. Disponível em: www.rafael.galvao.org/2004/01/a-historia-de-marre. Acesso em: 27 ago. 2019.

MELO, A. M. R.; ALMEIDA, J. C.; RODRIGUES, L. O. **A Arca rumo à escola: (uni)versos da infância na poesia vinicianiana**. 2014. Disponível em: www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_19_04_2014_21_29_30_idinscrito_2_56a5cdd9ea63051cfd4e64d04116d518.pdf. Acesso em: 30 ago. 2019.

ORLANDI, E. L. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. L. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. L. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação de sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. (org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PRANDI-GONÇALVES, M. B. R. **Memória e(m) discurso na “Palavra Cantada”**: sentidos sobre criança e infância. Orientadora: Lucília Maria Abrahão e Sousa. 2020. 235 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.

SUBTIL, M. J. D. **A apropriação da música midiática por crianças de quarta-série do ensino fundamental**. 2003. 227 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Escola de Música e Artes Cênicas. Programa de Pós-graduação em Música. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.